Editorial

O CONCEITO DE TRAUMA PERCORRE toda a obra de Freud, permitindo-lhe, a partir da clínica, criar o conceito de realidade psíquica em detrimento da realidade factual. Na época da hipnose Freud investigava o fator desencadeante do trauma sob o fundo da realidade factual. Ao buscá-lo, deparou-se com um núcleo patógeno resistente à hipnose, à interpretação, à palavra; ponto, portanto, de recrudescimento dos sintomas, resíduo inacessível ligado ao indizível do trauma, ponto de fixação.

Nessa direção, para além dos diferentes e possíveis traumatismos e traumas, e mesmo oscilando entre o uso do singular ou do plural para se referir ao trauma, lemos nos textos freudianos indicações precisas da existência do trauma como estrutura fundamental e original na constituição do sujeito. À pergunta "o que é o trauma?" Freud oferece diferentes respostas em consonância a outras elaborações teóricas, em especial a descoberta da sexualidade infantil e o papel da fantasia. De toda forma, o trauma fundamental servirá de ponto de apoio a outros possíveis encontros traumáticos. Aprendemos com Freud que é apenas no *a posteriori* que o trauma é atualizado. Como toda atualização, algo sempre resta intraduzível nesta empreitada. O sintoma é uma das formas de atualização do trauma, assim como as conversões, a repulsa, os comportamentos repetitivos e outros "transtornos histéricos".

Em *O seminário – livro 22: R.S.I.* o trauma é retomado em torno do horror; um buraco em torno do qual os significantes se organizam; versão lacaniana para o primeiro e mais fundamental trauma advindo com o recalque originário. Esse *buraco = trou* será associado por Lacan com o trauma, advindo o neologismo troumatisme. O inconsciente é efeito do trauma (efeito do recalque originário), isso que, marcado, não se lembra.

A fantasia, diríamos rapidamente, é uma resposta neurótica ao encontro com $S(\not A)$. Ela tem uma face simbólica e outra real, apresentada pela presença do objeto a. Sendo uma resposta ao *che vuoi?*, ela dá uma certa estruturação ao real do trauma fundamental, mas, sem apagar sua incidência, mantém sua face de fixidez.

Stylus veicula *Trauma e fantasia* à pluralidade de leituras da práxis analítica. Em os *Ensaios*, Antonio Quinet exibe indicações precisas em torno do Um da linguagem e do Um do gozo, detalhando as conseqüências da pluralização do S_1 para

a comunidade analítica e o destino do Um no fim de análise. Por sua vez, M. Strauss sinaliza a relação da cena primitiva e o fim de análise, diferenciando uma análise com efeitos terapêuticos e o fim de análise que confronta o sujeito ao impossível do saber sobre o sexo. Eliane Schermann retoma o conceito de trauma e angústia concernente ao encontro do sujeito com o real do sexo, apresentando questões sobre o fim de análise e sua relação com o chiste.

Em *Trabalho crítico com os conceitos,* trauma e fantasia são cotejados aos conceitos de gozo, sintoma, angústia e o discurso atual. Jairo Gerbase, a partir da trilogia: complexo de Édipo, complexo de Hamlet e complexo de Dimítri Karamazóvi desenvolve o "complexo de Lacan", sinalizando, de forma original, que o paradigma da psicanálise não é o complexo de Édipo. Clarice Gatto retoma o estudo de Lacan em *Juventude de Gide*, problematizando o "posicionamento do sujeito na fantasia" – ora como sujeito ora como objeto – e as conseqüências subjetivas daí decorrentes. Em *Trauma e fantasia*, Colette Soler interroga a atualidade do conceito de trauma para além do discurso analítico, retomando de forma muito precisa a articulação traumatismo-fantasia, demonstrando pontos de articulação em torno do real aí concernido, mas distinguindo as duas dimensões. A fantasia é uma certa cura do traumatismo do encontro com o Outro: "ela é o segredo da homeostase do sujeito, o segredo, diz Lacan, de seu "chão". Mesmo que se diga em certos dias que se "perdeu o chão". Dominique Fingermann, elegendo como índice inicial de análise o sentimento de perplexidade impotente dominante de nossa época, um sofrer do pior e gozar com isso, indaga, analisando de forma cuidadosa, se essa complacência potencializa o império do pior na atualidade.

Em *Direção do tratamento*, três vertentes clínicas enriquecem o debate sobre o trauma. Dois textos exibem interessantes recortes do caso clínico *O Homem dos lobos.* Ana Laura o retoma assinalando a importância da infância na etiologia das neuroses, a partir da inscrição do trauma, e sua atualização no *a posteriori*, e Susana Díaz, em referência ao sonho desse paciente, delimita os elementos desprendidos do trauma real: o olhar e a voz, indicando na condução de uma análise "o valor e a materialidade daquilo que cai para além daquilo que se repete". Rosane Melo expõe, por um recorte clínico, a incidência dos traumatismos sobre a formação de sintomas corporais como resposta ao real e analisa a função da palavra na direção do tratamento.

Na entrevista com Henry Krutzen, Gilberto Gobbato nos brinda com um diálogo no qual o leitor encontrará indicações importantes do que se constitui a topologia lacaniana, bem como questões concernentes à relação entre topologia, clínica e transmissão.

Três resenhas assinadas por Daniela Scheikmann, Elisabete Thamer e Neusa Santos, trazem contribuições inéditas à prática analítica. As duas primeiras de livros ainda não traduzidos para o português. A *Clínica das neuroses* se constitui em uma série de conferências proferidas por Solange Faladé que têm como proposta estudar a clínica do sujeito e a transmissão da psicanálise. Em *O que Lacan dizia das mulheres*, Colette Soler, a partir da distinção lacaniana entre histeria e mulher, aborda com rigor as diferenças entre histeria, mulher, mãe, louca e a mascarada histérica e a posição masoquista. *O dragão pousou no espaço*, de Lula Wanderley, exibe em sete histórias a relação da arte contemporânea com o sofrimento psíquico, em particular no tocante à experiência psicótica.

Sob a ótica de diferentes olhares – escritas permeadas pela clínica –, depreendemos que o poder de fixidez do trauma impõe limites à prática clínica desde Freud e inscreve-se de forma também subversiva; anteparo aos destinos da satisfação pulsional, ele atualmente antepõe-se às formas de gozo oferecidas pelo discurso capitalista. Não obstante, se sem o trauma inicial a fantasia não pode encontrar seu ponto de fixação, esta oferece destinos diferentes àqueles possíveis ao trauma, apesar de resguardar sua face de fixidez.

Ângela Mucida